



A TERRA DAS ARARAS VERMELHAS
UMA HISTÓRIA NA ATLÂNTIDA

Roger Feraudy

Da Academia Petropolitana de Poesia Raul de Leoni e
Academia Neolatina e Americana de Artes do Rio de Janeiro

A TERRA DAS ARARAS VERMELHAS

Uma história na Atlântida



Projeto Terra

© 1999
Roger Feraudy

A TERRA DAS ARARAS VERMELHAS
Uma história na Atlântida
Roger Feraudy

Todos os direitos desta edição
reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Limeira - SP
Fone: 19 34515440
www.edconhecimento.com.br
conhecimento@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão, por escrito, do Editor.

Ilustração da Capa: Cláudio Gianfardoni
Projeto Gráfico: Sérgio Carvalho
Revisão: Mariléa de Castro
Colaborou nesta edição:
Paulo Gontijo de Almeida

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Feraudy, Roger

A Terra das Araras Vermelhas - Uma história na Atlântida / Roger Feraudy. — 5ª ed. — Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2006. (Projeto Terra)

ISBN 978-85-7618-115-6

1. Espiritismo 2. Romance brasileiro I. Título. II. Série.
06-8501 CDD - 133.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances espíritas : Espiritismo : 133.93

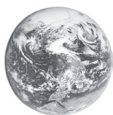
Roger Feraudy

Da Academia Petropolitana de Poesia Raul de Leoni e
Academia Neolatina e Americana de Artes do Rio de Janeiro

A TERRA DAS ARARAS VERMELHAS

Uma história na Atlântida

5ª Edição - 2006



Projeto Terra



Obras de Roger Feraudy editadas pela **EDITORA DO CONHECIMENTO**

- A TERRA DAS ARARAS VERMELHAS (1999)
Uma História na Atlântida
- CYRNE. HISTÓRIA DE UMA FADA (2000)
O Trabalho dos Espíritos da Natureza e o Mundo Invisível
- A FLOR DE LYS (2001)
Saint Germain e os Bastidores da Revolução Francesa
- BARATZIL - A TERRA DAS ESTRELAS (2002)
Nossa Herança Extraterrestre e Atlante
- O JARDINEIRO (2003)
Uma fábula moderna
- UMBANDA, ESSA DESCONHECIDA (2004)
- O CONTADOR DE HISTÓRIAS (2005)
João Só e a rosa azul
- UM ANJO ESTÁ NAS RUAS (2005)
Não estamos sós
- SABEDORIA OCULTA (2004)
A Origem do Homem e das Religiões

Outras obras do autor:

- SERÕES DO PAI VELHO
Ed. Hércules/Age, P. Alegre, 1996
 - RELIGIÃO E COSMO
O Mistérios das Religiões e Origem do Homem
Ed. Thesaurus, Brasília, 1995.
 - A DIVINA MEDIADORA
Ed. FEEU, P. Alegre, 1989,
Ed. Hércules/Age, P. Alegre, 1999
- Poesia:
- OS VERSOS QUE TE DOU - Antologia
Ed. Pirilampo, Petrópolis, RJ, 1988 (esgotada)
 - VELHAS MEMÓRIAS - Poesias
Ed. Gráfica IPAG, Petrópolis, RJ. 3ª ed, 1997 (esgotada)
 - LIRA SERRANA - Poesias
Ed. Gráfica IPAG, Petrópolis, RJ, 1994 (esgotada)
 - MOMENTOS - Poesias
Ed. Gráfica IPAG, Petrópolis, RJ, 1995 (esgotada)
 - NÃO NASCEM ROSEIRAS NO CHÃO DA CIDADE - Poesias
 - Versos Satíricos e Outras Poesias

Sumário

Introdução.....	11
Explicação.....	15
1 — Zac.....	17
2 — Ay-Mhoré.....	23
3 — O tentador.....	33
4 — As bailarinas do vento.....	43
5 — A cilada.....	52
6 — Anhangüera.....	64
7 — A caverna na montanha.....	75
8 — Uma caçada real.....	91
9 — O passo das gaivotas.....	103
10 — A vingança do bruxo.....	116
11 — Revelações espantosas.....	131
12 — O desmemoriado.....	148
13 — As experiências de Nadja.....	160
14 — A esperteza de Aleutar.....	176
15 — O fio da meada.....	188
16 — Na boca do lobo.....	203
17 — Zanatar - o etíope.....	215
18 — O solitário da Montanha Azul.....	227
19 — O tempo e os fatos.....	240
20 — O porteiro do Templo do Som.....	254
21 — O caçador e a caça.....	269
22 — Marchas e contramarchas.....	278
23 — Uma audiência real.....	289
24 — As maquinacões de Azamor.....	298
25 — Nas sombras da noite.....	311
26 — O grande conselho.....	324
27 — O testamento de Nadja.....	337
O autor.....	347
Epílogo.....	351

À minha esposa, Helena.
Aos meus filhos.
Aos meus amigos.

A Mariléa de Castro
querida irmã em Cristo,
meu agradecimento pela
digitação do texto.
Este livro também é seu.

In memoriam:

Durval Pentagna
Jacy Carvalho
Alberto Soares
Ivan Martins
Flávio Hosken
Ary Villar
Ivo Villar
Genoefa d'Angelo Villar
José Gonçalves da Luz
Leonina Cardoso
Edgard Machado
Jesus Mário Gonzalez
Ruy França de Almeida
Osmyra A. Lima
Roberto Resende e
Zélia Araújo



“A verdade, na grande maioria das vezes, é mais incrível que a ficção”.

*“... porque antes de salvar,
o homem precisa ser salvo”.*

O Solitário da Montanha Azul



Introdução

De hoje em diante, a Terra das Araras Vermelhas será conhecida como a Nação dos Aymorés.

A Atlântida existiu.

Não é apenas, no fundo da consciência coletiva da humanidade, o fascínio mágico que esse nome desperta.

Há o depoimento claro de Platão, nos diálogos Timeu e Crítias. E a tradição de vários povos sobre a grande terra que se estendia entre a Europa e a América, no oceano que lhe herdou o nome. Há, sobretudo — para os que nela confiam — os registros da sabedoria iniciática sobre esse continente, berço da Quarta Raça-Mãe do planeta.

Ainda não identificado pela História oficial, seu legado espiritual, científico e artístico se perpetuou em diversas grandes culturas mediterrâneas e americanas, pela migração de grupos atlantes que se transladaram para oriente e ocidente, estabelecendo colônias que prosperaram e reproduziram a cultura da Terra-Mãe.

Não houve apenas um afundamento da Atlântida. Ao longo de milênios, pelos menos três cataclismos se sucederam, reduzindo sucessivamente o território do continente de Atlas — o legendário rei do qual tomou o nome. Com o primeiro deles, a Grande Atlântida foi reduzida, há cerca de quarenta mil anos, a duas ilhas — Ruta e Daytia — e depois estas submergiram, deixando apenas a ilha de Poseidonis. Há cerca de nove mil anos a.C. ela dominava a região, deixando registros tão claros de sua influência, que os sacerdo-

tes do templo de Sais, no delta do Nilo, puderam transmitir a Sólon as descrições minuciosas que Platão posteriormente aproveitou em *Timeu* e *Crítias*. Os famosos dilúvios da tradição de todos os povos coincidiram com esses trágicos afundamentos. O de Poseidonis se concretizou no espaço de um dia e uma noite.

Na Atlântida não existiu um só povo. Embora a raça vermelha — a Quarta Raça planetária — ali tivesse o seu berço, mais de um tronco racial se desenvolveu. Ali encarnaram em massa os exilados capelinos, trazendo ao planeta Terra o impulso de elevados níveis de ciência e tecnologia. Ali, a confraria dos Profetas Brancos semeou as bases das Escolas Iniciáticas que iriam manter a chama da Sabedoria Divina no planeta. Anflon e Antúlio, Supremos Iniciados, começaram a agregar discípulos nos Templos da Luz Eterna, que os homens foram ensinados a adorar. Simbolizada no fogo e na luz solar, essa crença foi difundida por onde andaram eles.

O conhecimento — tanto o que hoje denominamos “científico” como o chamado “esotérico”, então unidos — foi esplendor e ruína da civilização atlante. Com ele construíram grandes cidades, empregaram alta tecnologia, desconhecida para a época, sondavam os astros, cruzaram os mares, desenvolveram uma arte e uma ciência requintadas. E alimentaram a ambição e as paixões. Com o conhecimento das forças poderosas da natureza e da mente, mergulharam nos extremos do mau uso. E as forças da natureza, em nome do equilíbrio planetário, reagiram. Quando a Grande Atlântida, vítima das forças sombrias que desencadeara, submergiu, a civilização, depois reorganizada em Ruta e Daytia, durou mais alguns milênios, mas terminou por repetir os mesmos desatinos. Idêntico efeito se repetiu. E finalmente Poseidonis, a última ilha, fértil e bela, das cidades de cúpulas douradas e casario branco sobre o azul do mar, quando a carga de energias perigosas atingiu a massa crítica insuportável, teve o mesmo destino. Os povos da bacia mediterrânea guardaram memória desses eventos na história bíblica do dilúvio, personificando em Noé os migrantes que, atendendo ao aviso dos iniciados, se retiraram previamente.

Ao longo dos milênios em que se desenrolou a história

de grandeza, decadência e catástrofes da Atlântida, grupos sucessivos se dirigiram para a Europa e as Américas, e foram constituir focos de brilhantes civilizações, como a egípcia e a grega, os maias, incas e astecas, os povos indígenas da América do Norte e do Sul; e o tronco formador dos árias, os misteriosos homens de raça branca que um dia se derramaram das regiões hiperbóreas ao norte da Europa, seguiram para leste, até a Índia e o Planalto de Pamir, e depois se espalharam pelo continente europeu. Como sua marca peculiar, o culto do fogo sagrado, da Luz Solar. Como língua, aquela que daria, primeiro o sânscrito, depois todas as línguas indo-européias. A Quinta Raça, dos árias, se formara, com sua missão específica — o evoluir do intelecto — causando todo o bem e mal que podia.

No substrato religioso, artístico e científico de todos aqueles grandes povos, a marca dos atlantes. Os incas se diziam descendentes de grandes seres divinos que tinham vindo de além do oceano, e entre as dinastias reinantes havia olhos azuis e cabelos louros, segundo cronistas espanhóis. As pirâmides do Yucatan e do Egito, os elevados conhecimentos astronômicos, médicos, matemáticos, arquitetônicos; os grandes princípios cósmico-psicológicos enfeixados na mitologia grega; os *Vedas* e o *Livro dos Mortos*, as máscaras douradas dos faraós e as estrofes divinas do Bhagavad-Gita, a Tábua de Esmeralda e o monoteísmo, tudo guarda a marca dessa Sabedoria que o Continente Perdido exportou para o planeta, nas variadas latitudes, antes de submergir em sua própria insensatez. A humanidade planetária é filha da Atlântida.¹

À época da presente narrativa, preparava-se o cataclismo que iria submergir a ilha de Ruta. Já então, uma colônia de atlantes, que saíra da Terra-Mãe há longo tempo atrás, liderados por Zac e inspirados pelos mestres do povo atlante, prosperava, de longa data, na Terra das Araras Vermelhas,

¹ “Temos o fato do notável paralelismo cultural entre povos das margens do Mediterrâneo e as civilizações pré-colombianas. A arquitetura piramidal e escalonada, comum a egípcios, babilônicos e os povos americanos; a mumificação inca, igual à etrusca; a imagem do gigante suportando o orbe, comum a gregos, babilônios e astecas; o sol alado, comum a egípcios e maias. O próprio tipo racial de egípcios e maias, extremamente aparentados, e a total desvinculação genética do egípcio e outros povos da África. Tudo, enfim, aponta uma origem comum na Atlântida.” — Norberto de Paula Lima, in *Timeu e Críticas ou A Atlântida* — Editora Hemus, 1981. p.26.

no litoral do hoje estado do Espírito Santo. Por acaso? Não!

Os grandes planejadores planetários cuidadosamente haviam tângido a semente atlante original para a futura terra do Brasil, onde se abrigou esse núcleo que deveria ser preservado.

Porque o sangue atlante — a herança psíquica, espiritual e física da Atlântida — teria que participar da constituição da Sexta Sub-Raça que um dia, lentamente, iria se gestar na América do Sul. Por isso eles vieram, foram guiados e preservados da destruição. Como, a presente obra se encarrega de contar.

Essa a verdadeira origem, o segredo que se oculta nas raízes de grandes nações indígenas do Brasil.

Legítimo sangue atlante corre nas veias físicas e espirituais do povo brasileiro. Dele herdamos muita coisa — mas sobretudo o conhecimento mágico e psíquico, que faz do Brasil um berço eletivo para a nova civilização do terceiro milênio.

É um privilégio que a presente obra nos oferece, poder-mos assim identificar claramente, nas raízes da terra brasileira, a presença da nação atlante.

E redescobriremos o que tinha de melhor: sua elevada religião original, o amor e respeito à mãe-natureza, a nobreza e a estatura moral da maioria de seus líderes, a tradição espiritual de seus grandes sacerdotes, magos e curadores. Quando iremos retomar essa elevada tradição, que afinal nos pertence?

É bem verdade que, séculos afora, não se manteve o padrão original da herança atlante, tal como expresso nos ensinamentos de Payê-Suman.² Não foi mais a grande civi-

2 Nota à 3ª edição: Três anos após a publicação desta obra, nos chegaram ao conhecimento informações relativas a tribos indígenas brasileiras que guardaram na tradição a figura de Payê Suman ou Sumé. Essa tradição indígena do Pai Sumé foi recolhida pelos primeiros colonizadores: “Na tradição mítica brasilíndia não são raras as referências aos civilizadores brancos. A maior figura é o Sumé, o civilizador máximo das tribos Tupi. É descrito como um grande feiticeiro, branco, barbado, que veio pelo mar. Contavam os índios do Maranhão que o Sumé tinha ensinado a seus antepassados o plantio e o preparo da mandioca. A ele foram atribuídos também a abertura de caminhos e a introdução de novos princípios religiosos. Conta-se que Sumé foi para o Perú. Durante sua caminhada teria aberto a estrada que ficou conhecida como Peabiru ou Piabuyu, ou seja, o “Caminho da Montanha do Sol”. (<http://geocities.yahoo.com.br/enigmas-dabumanidade/peabiru.htm>).

As famosas pegadas de Pai Sumé, diz a lenda, ficaram marcadas nas rochas, por

lização da terra das araras vermelhas que Cabral encontrou nas florestas brasileiras.³ O seu pálido reflexo ficou na herança xamânica dos povos indígenas. Seus remanescentes últimos, o crepúsculo de uma raça perdida, vagueiam hoje entre a indiferença e a crueldade dos brancos, que junto com suas terras, lhes roubaram a dignidade e a vontade de viver.

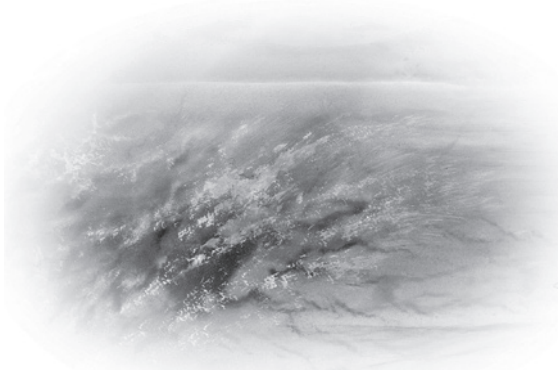
O ceticismo de muitos verá nestas páginas apenas ficção. Não importa. Aqueles que sabem que a Terra Atlântida foi real, porque nela viveram um dia, saberão em seus corações que é verdade. Para eles essa história foi escrita, e também para que a Terra da Cruz de Estrelas descubra e resgate as suas próprias origens, além da História conhecida. Talvez porque esteja na hora em que a Atlântida deva retornar à nossa consciência, e devam retornar também os filhos da Terra das Araras Vermelhas.

Mariléa de Castro

onde ele passou. Em muitas regiões do Brasil, como Nordeste e Amazonia, há marcas de pés gravadas em rochas, que lhe são atribuídas (cf. Pablo Villarubia Mauso, *Mistérios do Brasil*, Mercury, 1997, p. 30)

3 Sobre esse processo, podemos apenas conjecturar, por enquanto. Mas seria no mínimo fascinante imaginar se Tupayba — filho e herdeiro do último dos Ay-Mhorés — não teria, ao reinar mais tarde nas terras altas, iniciado uma nova dinastia, a dos Tupaybas, posteriormente Tupys...

Tupis, um dos grandes grupos indígenas brasileiros, falavam a língua-geral ou Nhengatu.(!) Curioso notar que refere o padre Nóbrega, em cartas, sobre as suas crenças: "... as tradições que se referem ao dilúvio..." (cf. *História do Brasil*, sup. Herculano Mathias et alii, Bloch ed., s/d, vol. I, p.36).



Explicação

Esta história me foi contada aos poucos. Fiquei sabendo um bocadinho ontem, outro bocadinho hoje, e assim, lentamente, fui ordenando os fatos, até conseguir juntar todos os fios da meada, para pôr em ordem os assuntos. Pronto! Tinha toda a história completa, ou quase completa. Uma história que relata fatos remotíssimos, de uma perdida civilização.

É uma história real! Embora os fatos que vão ser apresentados possam parecer estranhos, do começo ao fim nada têm de romanesco ou ficção.

Esta história da Terra das Araras Vermelhas se passou há 40.000 anos, num determinado lugar do Brasil, que na época era denominado Colônia Atlante ou Terra de Zac.

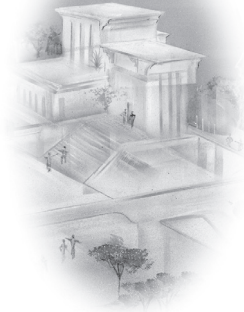
Os fatos serão narrados, e embora estranhíssimos para a atualidade, devemos lembrar ao leitor que a verdade por vezes é bem mais incrível que a ficção.

Os leitores irão notar, no decorrer da leitura, que existiam dois tipos étnicos distintos nesses remotíssimos tempos, que a História não registra.

Um tipo racial apresentando pele de coloração clara, cabelos e olhos também claros, e nomes de origem sânscrita; outro tipo de coloração de pele avermelhada, olhos e cabelos negros e nomes de origem Nhengatu.

Petrópolis, janeiro de 1971

O autor



1

Zac

Zac aspirou profundamente o ar puro e sentiu a brisa ligeira no seu rosto de traços fortes, deixando escapar um profundo suspiro. Contemplou o vale exuberante, de vegetação a mais variada, e anteviu ao longe a massa de montanhas que o limitavam e que naquela hora, já ao entardecer, lhe parecia azul, de um azul esmaecido que dava, no conjunto com o vale, uma sensação de paz e beleza extraordinária.

Zac continuou em meditação durante algum tempo. Depois, virou-se lentamente e da pequena elevação em que se encontrava fitou o mar, coberto de embarcações fundeadas, e a azáfama do ir e vir para a terra, dos seus comandados.

Eram as duzentas famílias escolhidas a dedo pelo próprio Zac, para a migração demandando as terras a sudoeste de Aztalan, o centro do grande império de Mu.

Neste momento, Zac rememorou as palavras do seu Mestre, Antúlio: “Segue com todas as famílias que puderes, na direção sudoeste. Lá, filho meu, encontrarás um vale magnífico situado entre o mar e as montanhas. É ali que deverás te fixar, pois nessa terra florescerá um grande império. Nessa região o clima é ameno, a água fresca e abundante, a caça é de enorme variedade, o solo é fértil e os frutos são os mais variados possíveis. Tudo que for plantado nessa terra abençoada dará em abundância. Vai, meu filho! Procura essa terra prometida, pois é lá que vais fundar uma grande civilização. Vai em busca da Terra das Araras Vermelhas, e que a paz seja contigo”.

Zac ainda relembrava absorto as palavras do Mestre quando, em revoada, três araras de um escarlate vivo vieram pousar numa árvore próxima, como que para observá-lo. Se alguma indecisão pairava no espírito de Zac, nesse momento desvaneceu-se completamente.

Ele atirou os longos cabelos negros para trás, olhou mais uma vez para a grande montanha azulada no horizonte, e caindo de joelhos, começou a orar contritamente.

Os últimos raios de sol ainda banhavam sua figura imponente em oração, quando Ussay, seu lugar-tenente, ao encontrá-lo, postou-se em silêncio, a respeitosa distância.

Zac finalmente levantou-se. Seu rosto brilhava e seus grandes olhos negros refletiam segurança e decisão.

— Ussay, meu filho, reúne os chefes, pois quero falar-lhes. Aqui termina a nossa peregrinação. É aqui, nesta terra, que o Grande Pai quer que eu fixe meu povo. Vai depressa, Ussay, meu filho. Chegou a grande hora de eu falar pela primeira vez ao povo de Zac, na terra de Zac.

Ussay aproximou-se e com todo respeito beijou a mão do grande chefe:

— Grande Zac! Tupã seja convosco e vos inspire para trazer paz e prosperidade à nossa raça, a grande raça Nhen-gatu. Irei correndo convocar os doze chefes para a reunião desta noite.

Zac o despediu com um aceno de mão e ainda permaneceu por muito tempo, imóvel, a fitar como que fascinado a grande montanha azulada que se desenhava no horizonte.



Já haviam se passado longos anos desde a chegada de Zac à Terra das Araras Vermelhas. Grandes cidades erguiam-se ao longo do vale, e o progresso se fazia sentir em todos os setores da recém criada colônia Atlante.

Zac dirigiu-se até a grande janela oval de onde divisava o vale quase inteiro, pois o seu palácio situava-se estrategicamente numa elevação do terreno, de onde se podia também avistar o mar e os últimos confins da terra já totalmente edificada.

O sol começava a cair no horizonte, colorindo de tons cobre os zimbórios arredondados dos templos de ouro maciço, e colocando tons rosados e miríades de cores nas paredes alvas dos edifícios, numa profusão de matizes fortes, em contraste com o crepúsculo que descia rapidamente.

Zac olhava o seu vale, enquanto milhões de pensamentos passavam por sua mente. Recordou primeiro da fundação das doze cidades, cada qual regida por um chefe sacerdote, e o crescimento lento das construções satélites, em torno de cada palácio-templo. Recordou as diversas reuniões do Grande Conselho dos Doze, dos grandes debates, da distribuição de encargos, da entronização dos doze príncipes, e o crescimento lento de cada cidade até se tornarem autônomas, apenas prestando obediência ao poder central, que ele mesmo ocupara nesses longos anos. Recordou ainda Zac a expansão dessas doze cidades para além do vale e a criação de colônias, expandindo-se cada vez mais. A formação dos exércitos, as conquistas que faziam dessa nação enorme uma potência cada vez mais forte, tão grande que poderia mesmo rivalizar, ou quase, com a Terra-Mãe Mu, de onde tinham emigrado.

Zac recordava-se de todas as artes realizadas, de todas as conquistas científicas e de todo o imenso progresso que florescia no vale, que caminhava para o ápice da civilização. Passou as mãos trêmulas pelos escassos cabelos brancos e tornou a afundar em suas recordações.

Relembrava agora os tempos difíceis, quando os príncipes, na ânsia de expansão e conquista, começaram a guerrear entre si. Lembrou-se da grande invasão, quando as hordas de Winn, o etíope, com seus inúmeros barcos, tentaram a conquista da Terra das Araras Vermelhas. Recordou ainda a trágica reunião com os doze príncipes, em que ele apelara dramaticamente pela união, pois que acreditava que só unidos poderiam vencer e se tornarem uma grande nação. Os príncipes haviam escutado o seu apelo, e então as cidades inteiras, reunidas, expulsaram os inimigos para além dos mares.

O perigo passara, porém um perigo maior lançava sua sombra pelo vale inteiro. A ânsia de poder dos príncipes continuava: cada cidade queria ser maior que a outra, guerrilhas